

A “Coxa” de Jacob: uma análise das relações de parentesco no Livro de Êxodo

Anderson Gomes de Paiva

Orientador: Marta F. Topel

Bolsita FFLCH/IC

Escolhemos tratar do livro de Êxodo neste trabalho, ou, para ser mais exato, de passagens extraídas deste livro da Bíblia Hebraica, porque acreditamos que, entre os livros do Pentateuco, ele seja o mais paradigmático e acessível aos olhos do leitor não muito familiarizado com o texto bíblico, principalmente com o da Bíblia Hebraica. De qualquer forma, nossa intenção é trazer à tona alguns dos resultados de nossa pesquisa de IC (Iniciação científica) que se propôs a buscar o *locus* que ocupava o sistema de sucessão patrilinear no universo conceitual dos escritores da Bíblia e, com isso, vislumbrar, ainda que de longe, a posição deste conceito na própria sociedade israelita antiga.

De acordo com nossa leitura, o sistema patrilinear de parentesco, ou simplesmente, patrilinearidade, não apenas determinava as relações de parentesco dos personagens bíblicos, como também servia de viga mestra na qual se apoiava todo o edifício social do Israel antigo. Como poderá ser facilmente observado nos relatos escolhidos para análise, toda a ação e a apresentação dos conceitos irá se desenrolar ao redor da figura do patriarca. Desde a definição sobre quem é membro do grupo e o status que cada indivíduo ocupava em seu interior, até o resgate miraculoso do menino Moisés e a punição divina aos egípcios, se baseará, direta ou indiretamente, nas relações de parentesco determinadas pela patrilinearidade.

O relato a seguir, aparece imediatamente relacionado com o do ciclo patriarcal no Gênesis. Sobretudo no que diz respeito ao desenraizamento dos patriarcas e os períodos de seca e fome subsequente que, segundo o Pentateuco, forçavam as migrações periódicas dos clãs patriarcais.¹ Em decorrência de uma fome na terra de Canaan, Jacob, o neto de Abraão e herdeiro de seu legado (que incluía, dentre outras coisas, a promessa de uma posteridade numerosa e abençoada por D'us e a posse definitiva da terra de Canaan) se transfere (ou “desce”) ao Egito juntamente com seus filhos, netos e posses, que consistiam basicamente em rebanhos de gado miúdo.² Como é a praxe no ciclo patriarcal, a própria figura da divindade aparece concedendo o “aval” para o empreendimento de Jacob:

E falou D'us a Israel, nas visões da noite, e disse: “Jacob, Jacob!” E disse: “Eis-me”. E disse: “Eu sou D'us, o D'us de teu pai; não temas descer ao Egito, porque uma grande nação farei de ti, ali” (Gênesis 46:2,3)

E levantou-se Jacob de Beer-Sheba; e levaram os filhos de Israel a Jacob, seu pai, e às suas crianças e às suas esposas nos carros que enviou o Faraó para levá-los. E tomaram o gado e seus bens, que obtiveram na terra de Canaan; e vieram ao Egito, Jacob e toda sua semente com ele. Seus filhos, e os filhos de seus filhos com ele, suas filhas, e as filhas de seus filhos, e toda sua semente, trouxe com ele ao Egito. (Gênesis 46:5-7)

Neste relato podemos observar a posição central que ocupa o conceito de “semente”, utilizado como significado para “linhagem, descendência”, no universo conceitual dos escritores da Bíblia. Repa-

¹ Como observa Chwartz em *Os Sentidos da Esterilidade no Passado Ancestral de Israel* in *Vértices* 4. São Paulo: Humanitas, FFLCH – USP, 2003. p. 159.

² É o que se infere pela tradução de Chouraqui em Gênesis 46:32: “Os homens? Pastores de Ovinos: sim são homens de rebanho. Seus ovinos, seus bovinos, tudo o que lhes pertence, eles trouxeram!” (*Grifo nosso*). A ênfase da sentença está no gado miúdo. CHOURAQUI, André. *No Princípio*; trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

re-se que imediatamente após a referência à semente de Jacob, o escritor se preocupa em especificar e catalogar quem poderia ser considerado como “filho de Israel”: em primeiro lugar, os filhos homens, seguidos pelos netos (i.e. filhos dos filhos), depois filhas (não se sabe o porquê do uso plural, uma vez que o texto bíblico, só faz referência a uma filha, Diná, que teve com uma de suas esposas, Lea³) e por último suas netas (filhas dos filhos).

Cumpra salientar que o termo hebraico para “semente” nesta acepção que nos interessa, ou seja, linhagem, descendência é *zera'*, que geralmente é utilizado para designar toda a linhagem, todos os descendentes de um indivíduo, como uma unidade. É essa a apresentação do clã dos “filhos de Israel” (*b'nei ysra'el*) que se estabeleceu no Egito, em número de setenta pessoas:

Todas as almas que vieram com Jacob para o Egito, que saíram de sua coxa, afora as esposas dos filhos de Jacob, todas as almas: sessenta e seis. E os filhos de José (*b'nei yossef*), que lhe nasceram no Egito, duas almas. Todas as almas da casa de Jacob que vieram ao Egito, setenta. (Gênesis 46:26,27)

A “unidade” aqui evocada se baseia no fato de que este grupo possui algo em comum que contribui para a formação de uma identidade coletiva, a saber, seus laços de consangüinidade com o patriarca Jacob.⁴ Todos os membros do grupo são filhos, filhas, netos ou netas

³ Pode ser também que o termo “filhas” seja uma referência pouco usual às esposas dos filhos de Jacob, uma vez que a flexibilização da nomenclatura de parentesco é uma constante no texto bíblico conforme apontamos em nosso relatório de IC quando comentamos Gênesis 10:21-24, baseados em Bernardi. De qualquer forma, mais adiante será dada maior atenção à essa questão. PAIVA, A. G. *Relações de Parentesco: As Evidências da Patrilinearidade como Sistema de Sucessão de Parentesco na Torá*. São Paulo, 2004. Monografia. (Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica). Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. FFLCH, Universidade de São Paulo, p. 14.

⁴ É o que afirma De Vaux em VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 23, quando

do personagem em voga. Isso fica patente quando o texto delinea a posição das mulheres dos filhos do patriarca, suas noras: não pertencem ao grupo da mesma forma e com o mesmo *status* que seus maridos,⁵ uma vez que só fazem parte do grupo por parentesco de afinidade e não por consangüinidade (apesar do relato não mencionar o clã de origem destas mulheres): “Todas as almas que vieram ao Egito com Jacob, que saíram de sua coxa, afora as mulheres de seus filhos...” (grifo nosso).

São justamente estes laços de consangüinidade que irão servir ponto de ligação entre a última secção do livro de Gênesis com os primeiros capítulos de Êxodo. Em Gênesis 47:29, o patriarca, às portas da morte, convoca seu filho José e como último desejo pede que não seja enterrado no Egito. O acordo é selado com um juramento solene: “Se achei graça aos teus olhos, põe, rogo-te, tua mão debaixo da *minha coxa* e farás comigo caridade e verdade...” (grifo nosso).

Evidentemente que “coxa” aqui está sendo utilizado como eufemismo para o órgão sexual masculino e o motivo desta exigência de Jacob é dar maior solenidade e garantia de cumprimento ao juramento. Isto ocorre também no juramento do servo de Abraão para com este em Gênesis 24:2. Chouraqui diz⁶ que a razão de ser deste ritual é originária do “sinal do pacto” entre Deus e a linhagem escolhida de Abraão, isto é, a circuncisão. Também seguindo a mesma linha, Rashi⁷ explica que a pessoa que faz um juramento deve segurar um objeto

diz que o que une os membros de uma tribo é o vínculo de sangue, quer seja real ou suposto, de modo que todos venham se considerar “irmãos” em sentido amplo. Muito embora ainda não se possa falar em “tribo” aqui, acredito que o princípio é o mesmo.

⁵ Como é a praxe nos grupos que adotam a patrilinearidade como sistema de sucessão de parentesco, de acordo com Radcliffe-Brown em RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 50.

⁶ Chouraqui, op. cit. p. 495.

⁷ “Porque quem jura deve segurar em sua mão um objeto sagrado, como por exemplo um livro da Torá ou Filactérios (Shavuót, 38). E a circuncisão foi o seu pri-

sagrado em suas mãos, tais como um livro da Torá ou filactérios (*tephilin*). Uma vez que a circuncisão teria sido o primeiro preceito divino cumprido pelo patriarca, acabou fazendo as vezes da Torá. Embora esta noção seja de grande valia, é possível que esta prática de juramento esteja mais ligada ao fato de que a paternidade em si era considerada uma benção divina e determinava boa parte das relações sociais, do que simplesmente à circuncisão.

Finalmente entrando no livro do Êxodo, o relato que abre o livro é o que mostra a situação dos “filhos de Israel” após a morte de Jacob:

E estes são os nomes dos filhos de Israel, que vieram ao Egito; com Jacob, cada homem com sua casa (...) E foram todas as almas que saíram da coxa de Jacob, setenta almas. (Êxodo 1:1,5, grifo nosso)

Mais uma vez a intenção de criar uma noção de unidade de identidade, oriunda de parentesco comum é patente aqui. Em todo este capítulo a ação irá girar em torno deste conceito.

A situação dos filhos de Israel começa a se modificar no Egito quando a geração que havia migrado de Canaan com Jacob morreu, inclusive José que, de acordo com nossa dedução, servia como elo de ligação entre o clã dos *b'nei ysra'el* e as autoridades locais egípcias. Sem esse mediador e sem um Faraó que fosse “simpático”⁸ em relação aos estrangeiros descendentes de Jacob, que já agora, passam a ser enxergados como um “povo”, a tensão começa a aumentar, sobretudo porque estes começam a se multiplicar de forma espantosa,⁹ chegan-

meiro preceito, e veio a ele através de sofrimento, e era-lhe querida, e a utilizou [para jurar sobre ela]”. *Chumash com Comentários de Rashi*. Bereshit. São Paulo: I.U. Trejger, 1993. p. 101.

⁸ Mais além do que a noção de “não-simpatizante”, o verbo hebraico *iada'* traduzido geralmente como “conhecer”, denota precisamente “conhecer por experiência concreta”, ou seja, o Faraó não possuía nenhuma relação concreta de “amizade” com os filhos de Israel.

⁹ O relato é “quase” redundante no que se refere à multiplicação dos *b'nei ysra'el*. Isto constrange o grande Rashi a dizer que as mulheres hebréias estavam trazem-

do a constituir provável ameaça aos poderes recém-conquistados do novo “Rei do Egito”, um fator de instabilidade constante, sobretudo em tempos de guerra:

E os filhos de Israel frutificaram-se e se reproduziram; e aumentaram; e fortaleceram-se muito e muito, e preencheram a terra. E se levantou um novo rei sobre o Egito que não conheceu a José. E disse ao seu povo: ‘Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e forte do que nós. Vinde e atuemos sabiamente para com ele, pois que se ele se multiplicar, e for declarada uma guerra, e se unir também ele aos nossos inimigos, e lutar contra nós e suba da terra. (Êxodo 1:7-10)

Portanto impuseram a Israel inspetores de obras para tornar-lhe dura a vida com os trabalhos que lhe exigiam. (Êxodo 1:11)¹⁰

O fato de se frutificar/reproduzir/aumentar desemboca, *ipso facto*, em fortalecimento e poder. Talvez seguindo este raciocínio, não seja difícil entender a preocupação do faraó, no entanto a medida drástica que ele toma para tentar frear o crescimento desordenado dos “hebreus”, ou seja, reduzi-los à escravidão, acaba sendo paliativa, beirando à tragicomédia, pois quanto mais eles eram afligidos com os rigores da servidão, mais “cresciam e se multiplicavam”¹¹

A nuance que se esconde por trás deste episódio sugere e/ou pressupõe a atuação de uma espécie de força motora invisível que transcende a esfera de poder das autoridades egípcias, agindo em favor dos descendentes de Israel. Não importa as vicissitudes e intempéries que sofra a linhagem eleita, tudo está no controle de D’us. O processo de engendramento de descendência não depende diretamente da intervenção humana, mas sim da divina: “Não temas descer ao

do à luz, seis crianças ao mesmo tempo! *Chumash com Comentários de Rashi*. Shemot. São Paulo: I.U. Trejger, 1993. p. 2.

¹⁰ Da versão *Bíblia de Jerusalém*, que julguei estar mais fiel à idéia de sofrimento e servidão do que a versão de Rashi.

¹¹ Êxodo 1:12.

Egito, porque farei de ti uma grande nação, ali” (Gênesis 46:3, grifo nosso).

Portanto, uma vez que a primeira medida do faraó se mostrou ineficaz, foi levado a procurar outros meios para impedir o crescimento dos *b’nei ysra’el*. E não poderia ser pior o artifício por ele utilizado: o extermínio dos meninos “hebreus”:¹²

O Rei do Egito disse às parteiras dos hebreus, das quais uma se chamava Sefra e a outra Fuá: “Quando ajudares as hebréias a darem à luz, observai as duas pedras. Se for menino, matai-o. Se for menina, deixai-a viver”. (Êxodo 1:15,16)

Por que esta decisão de mandar exterminar os meninos e deixar com vida as meninas? Provavelmente por dois motivos principais: o primeiro dizia respeito à inquietação inicial das autoridades egípcias quanto à possibilidade de fortalecimento da capacidade bélica dos filhos de Israel e possível aliamento destes com potências estrangeiras invasoras. Isso poderia ser “resolvido” com a diminuição do contingente masculino, já que eram estes que poderiam ir à guerra. O segundo, mais hipotético, se referia à própria noção da sucessão de parentesco entre os descendentes de Jacob, que era, de acordo com o que foi visto até aqui, a patrilinear: em se exterminando os membros masculinos dos clãs patriarcais dos *b’nei ysra’el*, conseqüentemente não haveria possibilidade de sucessão e continuidade da linhagem, fadando-os à completa aniquilação assim que os homens daquela geração morressem.

A linha de raciocínio é a mesma, *mutatis mutandi*, em relação às meninas descendentes de Jacob: são poupadas; primeiro porque a possibilidade de constituírem uma ameaça militar era pequena e segundo porque poderiam ser desposadas por homens egípcios, assimilar sua cultura, perder sua identidade e gerar descendência para eles.

¹² Sempre aparece o termo “hebreu” entre aspas, para deixar bem clara a idéia de que este nome é dado aos descendentes de Jacob pela visão do *outro* e não por eles mesmos.

Mas, ainda essa vez, os “fios invisíveis” da intervenção divina atuam em favor dos descendentes de Abraão, Isaac e Jacob, pois as parteiras desobedecem aberta e perigosamente à ordem do soberano egípcio: “E temeram as parteiras a D’us, e não fizeram como lhes tinha falado o Rei do Egito. E elas deixaram os meninos viver” (Êxodo 1:17).

Nos versículos seguintes a figura de faraó aparece enfurecida pela deslealdade e desobediência das parteiras, e questionando sobre os motivos pelos quais deixaram vivos os meninos. E a resposta é digna de Jacob, o embusteiro patriarcal por excelência:

(...) Por que as mulheres hebréias não são como as egípcias, por que elas são espertas, mesmo antes de chegarem a elas as parteiras, elas dão a luz. E D’us fez bem às parteiras. E o povo aumentou e fortaleceu-se muito. (Êxodo 1:18)

A ironia do escritor bíblico salta aos olhos de maneira evidente, pois além de assinalar a “superioridade” das mulheres “hebréias” em relação às egípcias no fator “esperteza”, ainda por cima são favorecidas por D’us! Em outras palavras, é como se todas as relações e estruturas de poder humanos fossem relativas e o que realmente importasse é a noção de que o povo é o beneficiário principal da promessa feita pela divindade aos seus ancestrais comuns, segundo a qual, D’us havia se comprometido, dentre outras coisas, garantir a sua posteridade.¹³ É visível, neste relato, a oposição entre as figuras de D’us e de faraó. De um lado tem-se o pano de fundo da promessa divina e do outro o da esfera humana, representado pelas sucessivas tentativas de faraó para exterminar a linhagem eleita: D’us é sinônimo de vida e continuidade, confrontando-se com faraó, signo de morte e extinção.

Interessantemente, a recompensa da parte de D’us para as parteiras se manifesta de acordo com a promessa feita aos patriarcas e

¹³ FINGUERMAN, Ariel. *A Eleição de Israel: um estudo histórico-comparativo sobre a doutrina do “povo eleito”*. São Paulo: Humanitas e Fapesp, 2003. p. 27.

que, inicialmente atingia as mulheres de forma indireta: a descendência. Isto é, por salvaguardarem a linhagem dos descendentes de Jacob, D’us também perpetua a linhagem delas. “E foi porque temeram as parteiras a D’us, lhes fez casas” (Êxodo 1:21).

O relato termina com o faraó tomando sua terceira medida¹⁴ para controlar o número dos *b’nei ysrael*, que também se mostrará ineficaz: após afligi-los com a escravidão, depois ordenar a morte dos meninos pela mão das parteiras, agora ele transfere a responsabilidade para o povo, determinando que os meninos (mais uma vez os meninos...) deveriam ser afogados no rio, o que serve de “gancho” para a história de Moisés e o relato da libertação e do êxodo, o qual analisaremos a seguir, centrando nosso foco na questão das relações de parentesco, e para ser mais exato, na primogenitura.

O panorama no qual se insere o relato a seguir é o que se forma imediatamente após as inúmeras tentativas do soberano egípcio para refrear o crescimento dos filhos de Israel. Como já foi dito, sua última medida foi transferir a responsabilidade do extermínio dos meninos hebreus para o povo egípcio. Isto levava as mulheres hebréias a tentativas desesperadas para ocultar a gravidez, o parto e os recém-nascidos. Sendo assim, o capítulo 2 do livro do Êxodo, nos diz:

E foi um homem da casa de Levi, e tomou a filha de Levi (por esposa). E engravidou a mulher e deu à luz um filho. E viu que ele era bom e escondeu-o por três meses. E não podia mais escondê-lo, tomou para ele uma arca de junco e revestiu-a com argila e com piche. E colocou nela o menino e pôs no Suf (rio), sobre a beira do rio.

Como se vê, neste ponto da narrativa os descendentes de Jacó já não são mais designados apenas pelo nome de seu principal ancestral comum, isto é, o próprio Jacob, mas também por suas ramificações internas, as “casas”, dos filhos de Israel, nesse caso a de Levi (*beit*

¹⁴ Êxodo 1:22.

levi) a ponto de o narrador precisar especificar qual o clã de origem do personagem em questão e ainda apontar que o casamento deste se dá com uma mulher do mesmo clã.¹⁵ Talvez essa menção tenha por intenção reforçar a idéia de consangüinidade que unia os membros dos clãs dos filhos de Israel.

Rashi se desdobra para explicar o parentesco da mãe da Moisés com o patriarca Levi¹⁶ dizendo que para concebe-lo, seu corpo foi rejuvenescido, tal como havia acontecido com Sara ao conceber Isaac,¹⁷ pois contava nesta ocasião, pelo menos cento e trinta anos e Rashi entende que o termo “filha” se aplica de forma literal. Todavia como explica a maioria dos estudos antropológicos sobre os povos antigos e “primitivos”, as nomenclaturas de parentesco, sobretudo as de primeiro grau, possuíam uma larga margem de utilização e flexibilização, não carecendo, de forma alguma, de uma interpretação literal.¹⁸

Também nesta passagem se observa a oposição entre os desígnios de faraó e os de D’us, sempre prevalecendo os divinos, inclusive se valendo das decisões humanas. O faraó ordena que os meninos sejam lançados no rio, visando com isto, exterminar, ou pelo menos controlar, a linhagem dos filhos de Israel, dando continuidade à opressão e subserviência em que viviam, mas o que acontece é justamente o contrário, pois um dos meninos que deveria ser também jogado ao rio, de fato o é, mas não com a intenção de morte e nem pela mão dos egípcios, e sim pelas de sua própria mãe, com o intuito de salvá-lo, e logo

¹⁵ Um pouco mais adiante, ambos os personagens são identificados pelo nome e relacionados não mais à “casa de Levi”, mas sim à tribo de Levi. O homem se chamava Amram e na genealogia aparece na terceira geração após o patriarca, e sua mulher (que também era sua tia), Iocheved, cf. Êxodo 6:18, 20; Nm. 3:18, 26:58,59.

¹⁶ Rashi, *Shemot* 2:1.

¹⁷ *Bereshit* 21:1-6.

¹⁸ Por isso tanto a *Bíblia de Jerusalém* como *A Torá Viva* do Rabi Ariele Kaplan, preferem traduzir “descendente” ao invés de “filha”

após, o menino, que por ser hebreu já estava destinado à morte pelo decreto do soberano egípcio, agora é salvo das águas que deveriam afogá-lo, por intermédio da própria filha do faraó. E por fim, este menino, chamado Moisés, é quem irá liderar a marcha dos filhos de Israel, rumo à liberdade e à terra prometida aos seus ancestrais.

E desceu a filha do Faraó para se lavar no rio; e as suas moças andavam junto do rio; e ela viu a arca dentro do Suf, e enviou sua criada e a pegou. E abriu e viu o menino; e eis que era um moço que estava chorando. E apiedou-se dele, e disse: dos meninos dos hebreus é este (...) E cresceu o menino, e ela trouxe para a filha do Faraó, e foi para ela por filho, e chamou seu nome de Moisés, e disse: "porque das águas o tirei" (Êxodo 2:5,6,10)

A maneira como estes conceitos se interligam e se entrecruzam é de um brilhantismo e de uma perícia singular. O poder egípcio, personificado na figura do Faraó, somado à condenação por afogamento nas águas, que eram então, os signos da morte e do extermínio, agora significam salvação e libertação neste binômio formado pelo livramento das águas com a filha do faraó e, mais uma vez, está garantida a posteridade dos filhos de Israel.¹⁹

Saltando grandes peculiaridades e eventos da vida de Moisés, uma vez que não nos cabe acompanhar de perto esta personagem, mas sim nosso tema, chegamos ao famoso episódio da comissão de Moisés, isto é, ao momento onde ele recebe, através de uma teofania, o encargo de libertar o povo de Israel, pois neste relato, passa muitas vezes despercebida a "antecipação" divina do "golpe de misericórdia" que faria com que o faraó mudasse de idéia²⁰ e libertasse o povo, a saber, o extermínio de sua linhagem, através de uma praga divina:

¹⁹ Vale lembrar que, apesar de as mulheres não fazerem parte do grupo da mesma forma que os homens, praticamente toda a ação "salvadora" se dá por meio delas. Exemplo: as parteiras, a mãe de Moisés, sua irmã e a filha do faraó.

²⁰ A obstinação divina para salvar o povo das mãos do Faraó contrasta com a volubilidade com que este muda de idéia: em todo o relato do Êxodo, o Faraó



nuclear para o clã, deste estende-se para todos os clãs, que formarão uma unidade bem maior, que aqui é designada como “meu povo”

É importante notar também que o pano de fundo no qual se ambienta o cenário do Êxodo dos filhos de Israel e que também confere uma certa unidade entre os livros do Pentateuco, é o da promessa da posteridade garantida e numerosa e da posse da terra, feita aos patriarcas.²³

O “golpe de misericórdia” divino seria dirigido contra o filho mais velho, o primogênito do Faraó, que dentre outras regalias e direitos, era o herdeiro do trono de faraó, identificado mais adiante como “aquele que se assenta em seu trono”²⁴ E o motivo de tal represália de D’us era claro: o primogênito do próprio D’us, Israel, estava sendo oprimido, mas para que esta demonstração da justiça divina, que será executada dentro do espírito da *lex talionis*, primogênito por primogênito, faça mais sentido, é importante frisar o *status* de que gozava o filho primogênito na literatura bíblica, e assim atingir a posição que Israel desfrutava aos olhos da personagem divina.

Para Rashi a expressão “meu primogênito é Israel” deve ser entendida como uma denotação de grandeza e está diretamente relacionada com o episódio da venda da primogenitura de Esaú para Jacob, o pai dos filhos de Israel.²⁵ De fato o primogênito, o *bekôr*, se encontrava em uma posição de honra e favor especial em relação aos de-

²³ Como explica John E. Hartley em *O Pentateuco* in LASOR, W. S. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 5: “Todas essas formulações diferentes podem ser agrupadas com mais proveito e reflexão sob o título “a promessa de um relacionamento com Deus”. Essa promessa, portanto, cujo cumprimento se verifica apenas parcialmente no próprio Pentateuco, inclui a posteridade (...), um relacionamento divino-humano e a terra. Esse tema tripartido é repetido nas histórias acerca de Abraão (cf. Gênesis 13:14-17; 15:2-5, 18-21; 17:7, 15-19). Renova-se em cada geração patriarcal: Isaque (Gênesis 26:2-4), Jacó/Israel (28:13, 35:11-13) e José e seus filhos (48:1-6). Seu cumprimento é prometido no livramento iniciado no Êxodo (Êxodo 6:6-8; Dt 34:1-4)”

²⁴ Êxodo 12:29.

²⁵ Rashi, *Shemot*, p.18.

mais filhos de um homem,²⁶ sobretudo ele é o responsável a dar continuidade à linhagem de seu pai, geralmente referida na Bíblia como “nome”, “semente” e “casa” de seu pai, tornando-se, como aponta De Vaux,²⁷ o “cabeça da família” O primogênito de Jacob, Ruben é chamado “meu primogênito, meu vigor, as primícias de minha virilidade, cúmulo de altivez e cumulo de força” (Gênesis 49:3).²⁸

Portanto quando D’us se refere a Israel, como “meu povo”, “meu filho” e “meu primogênito”, a intenção é mostrar a posição singular que Israel ocupa dentre as demais nações na preferência divina: o povo é identificado como posse da divindade, como descendência da divindade e, principalmente, o detentor da responsabilidade de preservar o “nome” da divindade, tal como o primogênito em relação ao seu pai.

Temos aqui, também, uma inversão dos papéis, pois até agora a noção de morte, extermínio, e aniquilação da linhagem eram representados pela figura do faraó, mas desde então é D’us quem passa a representar o extermínio e a aniquilação da linhagem, e tanto o faraó, quanto sua semente, agora estão ameaçados. Pelos relatos a seguir, vemos a divindade estendendo sua ameaça de ação exterminadora a todos os primogênitos egípcios, inclusive as primeiras crias dos animais:

E morrerá todo primogênito na terra do Egito, desde o primogênito do Faraó, que está assentado sobre seu trono, até o primogênito da serva que está por trás do moinho e todo o primogênito do animal. (Ex 11:5)

E eu passarei na terra do Egito esta noite, e ferirei a todo primogênito na terra do Egito, desde o homem até o animal... (Êxodos 12:12)

E, de fato, a ameaça se concretiza quando do estabelecimento do sacrifício pascal, na última noite em que Israel permaneceu no

²⁶ De acordo com De Vaux, os direitos do primogênito, incluíam: a preferência entre seus irmãos, dupla parte na herança, ser o “cabeça da família”, op. cit. p. 64-5.

²⁷ De Vaux, p. 64.

²⁸ Da *Bíblia de Jerusalém*.

Egito na condição de escravo, a praga divina “passa por todo o Egito”, mas “salta as casas dos filhos de Israel”:

E passará o Eterno para ferir os egípcios; e quando olhar o sangue sobre a verga e sobre as duas ombreiras, saltará o Eterno sobre aquela porta, e não dará ao destruidor vir a vossas casas, para ferir (...) E direis é o sacrifício pascal para o Eterno, que saltou sobre as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios, e as nossas casas salvou. (...) E foi na metade da noite, e o Eterno feriu a todo primogênito na terra do Egito, desde o primogênito do Faraó que se sentava sobre o seu trono, até o primogênito do cativo que estava no calabouço, e todo primogênito do animal. (...) E houve um grande clamor no Egito, porque não havia casa que não tivera ali um morto. (Êxodos 12:23, 26, 27, 29, 30).

Como se vê, a praga divina “exterminadora de linhagem” não faz acepção entre os egípcios, pois passa por todos os níveis sociais²⁹: da realeza ao povo simples, do liberto ao cativo e, inclusive, o primogênito dos animais, que possivelmente tenham sido mortos pelo fato de serem parte da herança dos primogênitos, ou seja, a punição divina não atinge somente os herdeiros, mas também a própria herança.

John N. Oswalt explica³⁰ que o sentido principal da morte dos primogênitos egípcios está vinculado ao conceito existente em todo o Oriente Próximo antigo, segundo o qual, a divindade é o verdadeiro proprietário das terras, dos animais e dos próprios homens. Sendo assim ao exterminar o primogênito (e com ele a linhagem principal de seus antepassados) do Faraó, a divindade está reclamando para si um direito legítimo de “verdadeiro senhor” do Egito. O primogênito do Faraó, não está em suas mãos, nem nas dos deuses egípcios (sobre os

²⁹ Rashi: “E o primogênito da serva estava incluído, porque enumerou a Escritura desde o mais importante de todos até o inferior (de todos), e o primogênito da serva era mais importante que o primogênito cativo” *Shemot*, p. 59.

³⁰ OSWALT, John N. *Bekôr*. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. HARRIS, R.L; ARCHER JR, G.L; WALTKE, B.K. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 181.

quais D'us estava “executando juízo”), mas, sim, nas mãos do Eterno, D'us de Israel.

É importante notar que a salvação do povo de Israel da praga se dá no interior da família, somente aquele que estivesse sob a proteção da mesma e abrigado em sua casa, seria poupado pelo D'us exterminador, ao passo que todas as famílias egípcias tinham sido atingidas.

Fechando o ciclo da primogenitura ao redor do episódio do êxodo, e reforçando a idéia de John Oswalt, percebe-se que este acontecimento contribui substancialmente para a construção da noção da primogenitura na Torá: o primogênito é propriedade divina e sabendo que ele é o responsável por continuar a linhagem paterna de sua família, então a própria noção de descendência, perpetuação e continuidade, está atrelada à figura da personagem divina:

IHWH falou a Moisés, dizendo: Consagra-me todo primogênito, todo o que abre o útero materno, entre os israelitas. Homem ou animal, será meu. (Ex 13:1,2)

Este excerto encerra o relato, mas não a discussão, pois como se pode observar, há um fator que eleva a complexidade das relações de parentesco no Pentateuco, pois o primogênito não é simplesmente a “primícia da virilidade” e do vigor do patriarca, mas sim, aquele que “abre o útero de sua mãe”, sendo logo após, consagrado a D'us, mas a fim de encerrar este pequeno texto, achamos por bem “saltar” esta questão para noutra oportunidade aborda-la.

Bibliografia

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Anotada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991. Notas de Charles Ryrie.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA. Português e Hebraico. *A Torá Viva*. São Paulo: Editora Maayanot, 2001. Comentários de Arie Kaplan
- ALTER, Robert e KERMODE, Frank (Org.). *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Paul Viker. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

- BERNARDO, Bernardi. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Trad. de A. C. Mota da Silva. Lisboa: Edições 70, 1974.
- CHOURAQUI, André. *No Princípio*; trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *Nomes*; trad. Ivan Esperança Rocha e Paulo Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Chumash com Comentários de Rashi*. Bereshit. São Paulo: I.U. Trejger, 1993.
- Chumash com Comentários de Rashi*. Shemot. São Paulo: I.U. Trejger, 1993.
- CHWARTZ, Suzana. *Os Sentidos da Esterilidade no Passado Ancestral de Israel*. Tese de Doutorado, Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. FFLCH, Universidade de São Paulo, 2002.
- _____. *Os Sentidos da Esterilidade no Passado Ancestral de Israel* in *Vértices*, 4, São Paulo: Humanitas, FFLCH – USP, 2003.
- FINGUERMAN, Ariel. *A Eleição de Israel: um estudo histórico-comparativo sobre a doutrina do "povo eleito"*. São Paulo: Humanitas e Fapesp, 2003.
- GOTTWALD, N. K. *As Tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250 – 1050 a.C.* Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- _____. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.
- HARRIS, R.L; ARCHER JR, G.L; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- JUNIOR, Robert A. Oden. *Jacob as Father, Husband, and Nephew: Kinship Studies and the Patriarchal Narratives* in *Journal of Biblical Literature*, vol 102, no. 2, California: Society of Biblical Literature, Junho de 1983.
- LaSOR, W. S. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LEACH, E.R. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PAIVA, A. G. *Relações de Parentesco: As Evidências da Patrilinearidade como Sistema de Sucessão de Parentesco na Torá*. São Paulo, 2004. Monografia. (Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica). Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. FFLCH, Universidade de São Paulo.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis: Vozes, 1973.
- VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003.